

## RICARDO RAMOS EM “TEMPO DE ESPERA”: UMA OPÇÃO ESTÉTICA<sup>1</sup>

*RICARDO RAMOS IN “TEMPO  
DE ESPERA”: AN AESTHETIC  
OPTION*

Aroldo José Abreu Pinto  
(UNEMAT)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste apanhado de reflexões o objetivo é analisar o conto “Tempo de espera”, de Ricardo Ramos, inserido na obra que recebe o mesmo nome, publicada em 1954, pela Editora José Olympio, e que marca a estreia do escritor na literatura brasileira. A intenção é apontar um modo de escrita que, desde a primeira obra, irá distinguir a produção ficcional deste escritor.

**ABSTRACT:** In this gathering of reflections the aim is to analyze the tale “Tempo de espera” by Ricardo Ramos, inserted in

---

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela UNESP/Assis. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado do Mato Grosso/UNEMAT, Campus de Tangará da Serra. Professor do Departamento de Letras, Campus da UNEMAT de Alto Araguaia/MT. e-mail: aroldoabreu@uol.com.br

the work receiving the same name, published in 1954 by Editora José Olympio, and marking the writer's debut in the Brazilian literature. The intention is to appoint a writing mode that since the first book, will tell the fictional production of this writer.

**KEYWORDS:** Ricardo Ramos. “Tempo de Espera”. Brazilian contemporary narrative.

## Uma trajetória que não havia mais como adiar

Prezado Ricardo Ramos:

Devo-lhe dois agradecimentos. Um, pela generosidade da dedicatória. Outro, pela qualidade de seu livro, que me proporciona a alegria de receber um novo escritor, lúcido no observar e seguro no dizer. Seus contos trazem a marca do talento literário, são vivos, contêm nuances de sentimento e notas descritivas que despertam a simpatia do leitor. É uma bela estreia, a sua. O abraço cordial e a admiração de Carlos Drummond de Andrade.<sup>3</sup>

Obra que marca a estreia de Ricardo Ramos aos 25 anos de idade na literatura brasileira, *Tempo de espera* (1954) concretiza o que já se vinha anunciando há algum tempo. De acordo com informações obtidas junto ao acervo do autor, no dia 27 de junho de 1948, então com 19 anos, Ricardo Ramos, que já trabalhava em jornal, teria publicado “Um caminho no asfalto”, na “2ª Seção” do Jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro. No mesmo acervo, uma lista de contos feita de próprio punho pelo autor dá conta de que teria publicado também, em periódicos, antes de “Tempo de Espera”, os contos: “Um Retrocesso” (*Diário de Notícias*, 4 de dezembro de 1948), “Por que, Ziza?” (*Correio da Manhã*, 11 de julho de 1948), “Desespero” (*A Manhã*, 18 de julho de 1948), “Um diário” (*A manhã*, 22 de agosto de 1948), “Névoa” (*Correio da Manhã*, 29 de agosto de 1948), “Morfina” (*Correio da Manhã*, 6 de setembro de 1948), “Dominguinhos” (*Correio da Manhã*, 8 de agosto de 1948 e *Correio*

*Paulistano*, 01 de maio de 1953), “Fantasia” (*Correio da Manhã*, 31 de outubro de 1948), “Lá foi que nasceu o sol” (*Correio da Manhã*, 31 de dezembro de 1948), “Um presente” (*Correio da Manhã*, 8 de janeiro de 1949), “Espera” (*Correio da Manhã*, 13 de março de 1949), “Matilde” (*Novos Rumos*, junho de 1949), “Equilíbrio” (*Correio da Manhã*, outubro de 1949), “As mãos” (*Correio da Manhã*, novembro de 1949), “Eu vi as democracias populares” (*Imprensa Popular*, 1950), “A calçada” (*Correio da Manhã*, 29 de janeiro de 1950), “A viagem” (*Correio da Manhã*, 05 de março de 1950), “Josias está cansado” (*Correio da Manhã*, 16 de abril de 1950), “O crime de seu Tobias” (*Correio da Manhã*, junho de 1950), “A primeira estrela” (*Imprensa Popular*, 4 de março de 1951), “As duas assinaturas” (*Imprensa Popular*, 01 de junho de 1951), “O parque” (*Imprensa Popular*, 24 de junho de 1951), “Noite e subúrbio” (*Diário de Notícias*, 1951), “Um soldado” (*Temário*, setembro/outubro de 1951 e *Imprensa Popular*, 16 de dezembro de 1951), “A Bandeira” (*Para Todos*, abril de 1952), “O circo” (*Temário*, setembro de 1952), “O guarda-chuva branco” (*Correio da Manhã*, 15 de novembro de 1952), “João da Balsa” (*Mundo agrário*, de 1953), “O amoroso e a terra” (*Diário de Notícias*, de 1953), “Cangaceiros” (*Diário de Notícias*, de 1953), “Terra velha” (*Diário de Notícias*, 13 de dezembro de 1953), “Uma consulta” (sem local de publicação indicado, de 1954), “O retrato” (*Correio da Manhã*, 22 de maio de 1954) e “Um casamento” (*Diário de Notícias*, 23 de maio de 1954). Nesta mesma lista constam ainda os contos “A rua do jogo”, “Juventude”, “Um negro dorme”, “Tempo de espera”, “Rosa da esperança”, “A moeda”, “Mestre Pipa” e “História de empregada”, mas todos sem a indicação de data e local de publicação.

A obra *Tempo de espera* é dedicada a Antonio Olavo Pereira, Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, Orígenes Lessa, Paulo Mercadante e Raymundo Araújo e reúne doze contos, dos quais apenas “A Moeda”, “Mestre Pipa” e “Tempo de Espera” são inéditos. Os demais, “O circo”, “Dominguinhos”, “Por que, Ziza?”, “O guarda-chuva Branco”, “Josias está cansado”, “Uma consulta”, “O crime de seu Tobias”, “A calçada” e “Névoa” já haviam sido

publicados avulsamente e sofreram pequenas modificações para a publicação em livro. A informação de que alguns contos foram publicados anteriormente em suplementos literários e revistas é confirmada por alguns dos críticos da época e pelo próprio autor em entrevista concedida ao jornal *A Gazeta*, de São Paulo. Ricardo informa a esse periódico que *Tempo de Espera* se originou de uma seleção de cerca de cinquenta títulos que já havia produzido. Já Otto Schneider, em sua coluna “Livros”, faz questão de enfatizar que Ricardo Ramos selecionou os contos por tema e a partir de “palpites dos amigos” (*O Jornal*, 26 mar. 1953).

O conto “Tempo de espera”, portanto, ganha especial atenção do autor estreante, uma vez que dará o título ao livro. Vale realçar também que o conto é um dos mais extensos da coletânea e é bem recebido pela crítica da época. Entre os aspectos destacados por essa crítica, há alguns que nos interessam mais particularmente porque contribuem para iniciarmos a fixação de um desenho mais detalhado dessa vertente mais considerável em termos numéricos da produção ficcional de Ricardo Ramos: o conto. Muitos dos críticos fazem referência acerca de a um estilo límpido, espontâneo e sem vacilações que irá se cristalizar no autor e também certa inclinação em fixar os sentimentos e estados da alma humana e uma capacidade de apreender certas nuances psicológicas das personagens que cria.

“Tempo de espera” reúne um pouco disso e algo mais. Estruturada com nítidas alusões históricas, Ricardo Ramos arranja a cadeia de referências que possui e forma, conforma e reforma a sua matéria ficcional de tal modo que o que se sobressai, já nessa primeira obra, é um estilo peculiar de expressão que vai lhe conferir mais tarde o crédito de “mestre do silêncio”. Em comentário crítico publicado em 25 de novembro de 1970, na coluna “Livros”, do jornal *Cidade de Santos*, Tristão de Athayde determina:

O silêncio talvez seja o segredo de seu estilo. Não há uma nota dissonante. Nem uma frase enfática. Nem um diálogo estridente. [...]

são todos de tal modo tão tocantes pela moderação incisiva dos silêncios que se pode dizer realmente que Ricardo Ramos se afirma [...] como a demonstração literária autêntica de que a plenitude da palavra é realmente o silêncio.

Conforme lembra Antonio Cândido (1985, p. 17), “Uma crítica que se queira integral deixará de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou linguística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzirem a uma interpretação coerente”. No caso de “Tempo de Espera” nosso intuito, portanto, é, entre outros, o de verificar em que medida Ricardo Ramos reúne, pelo modo de representação e pelo conteúdo representado, toda uma gama de aspectos que revelam ou refletem a sociedade e o humano das relações, uma vez que acreditamos que as correlações aqui exercitadas caminham para o desvelamento de costumes vigentes em determinada época e que são indispensáveis para darmos conta da observação crítica do texto ficcional de Ricardo Ramos em sua totalidade, ; ou seja, o fator social será evocado na tentativa de aclarar ou muitas vezes realçar os contornos da composição, mas jamais como pretexto para evocar discussões puramente históricas ou sociológicas.

Do mesmo modo, também acreditamos que esta abordagem se justifica porque o próprio Ricardo Ramos, em entrevista concedida ao jornal *A Gazeta*, de São Paulo, no dia 11 de dezembro de 1954, na coluna “Na literatura”, com o título “Dez minutos com Ricardo Ramos”, ao ser questionado sobre o que pensava sobre as possibilidades e tendências de sua geração, responde que os escritores jovens possuem as mesmas possibilidades e tendências de outras épocas e gerações. Entretanto, ao complementar sua fala, revela que, para ele, os escritores mais mo-ços e estreantes seguem caminhos e preocupações em duas vertentes já desenhadas há algum tempo, indepen-dente de suas vontades:

No conto por exemplo, vemos os que apare-cem erigindo em norma a falta de ação, o simples arranjo formal, a concepção nebulosa. Por

outro la-do, existem os que procuram fugir a essa inanidade temática, e real-mente esboçam uma contribuição. *Está claro, sou otimista em relação a esta corrente. Ela se volta para o exame de nossa vida, costumes e problemas. E ao valorizar algumas de nossas tradições literárias, apre-senta condições para uma realiza-ção mais autêntica.* (grifos nossos)

Como se pode observar, desde sua primeira obra, Ricardo Ramos adota uma posição clara em relação à sua produção, valorizando a representação do humano, seus costumes e problemas, e demonstra crer que esse seja o modo de “uma realiza-ção mais autêntica”.

## Os diferentes “tempos de espera”

Narrado pela personagem central, que conta a sua própria história, marcando e pontuando cada fase de sua existência até a velhice, o conto “Tempo de espera” é dividido em seis partes indicadas com algarismos romanos e possui um enredo bastante linear. Tanto que a personagem-narrador anuncia ao final do conto que está relatando as suas memórias: “sentei-me à secretaria. Escolhi uma pena, separei algumas folhas de papel, resolvi escrever todas as minhas lembranças. Talvez um dia me ajudem.” (RAMOS, 1954, p. 168) e, do mesmo modo, procura localizar o leitor no início do conto sobre o que virá em seguida:

Nem sei quando começou. Primeiro dimi-nuíram os empréstimos, as facilidades, os negócios também. Depois tudo foi piorando, numa queda assombrosa, em vertigem. Suportei uns oito meses. E fali. Época difícil, ano de 29. O processo durou pouco, as autoridades judiciárias simplificavam as formalida-des, que havia muitos casos parecidos a resolver. Tomaram-me tudo. Cortaram, retalharam, dividiram o armazém entre os credores. Não sobrou nada. Levaram o prédio, os estoques, os móveis, balanças, máquinas, relógio. (RAMOS, 1954, p. 133)

Com o predomínio desse tom melancólico que perpassa todo o texto, o narrador, em seguida, sumaria em poucos parágrafos a morte do pai, o seu encontro e casamento com Cecília e a chegada de Eduardo, o primogênito.

Interessante ressaltar, já de início, que toda essa celeridade na descrição está pontuada de uma série de indicativos de uma situação que ocorre a partir da alusão ao *crash* da bolsa de Nova Iorque no ano de 1929 e, conseqüentemente, das dificuldades que decorreram a partir de então, principalmente para moradores como do subúrbio onde a personagem-narrador irá passar toda a sua vida, pois, apesar desse subúrbio “palpitar”, é nítida uma sensação de desesperança com os fatos: “Casamos. A imaginação, as nossas conversas, os sonhos, não foram a metade, a sombra do que vivemos” (RAMOS, 1954, p. 134). Até mesmo o anúncio da chegada do primeiro filho muda pouco a situação de alquebramento do casal.

Os comentários animavam, risonhos. Mas eu não sentia o entusiasmo do princípio. Os negócios ruins, falava-se na oscilação da bolsa, rumores alarmantes. A crise na boca de todo mundo. O armazém pouco sólido, transações pequenas, ameaça de período mais difícil. Não disse nada à mulher. Nem era preciso. Ela adivinhava as coisas, me conhecia pelo avesso. Eduardo nasceu quando não existia dinheiro nem para a farmácia e a parteira. Fui à casa de penhores e deixei o alfinete de meu pai. (RAMOS, 1954, p. 134)

No início do conto, as frases curtas e enfáticas não se fixam em pormenores do cotidiano da vida particular do casal. Tudo gira em torno dos aspectos externos que ratificam uma crise na sociedade de então e que, na visão do narrador, só tende a crescer. Portanto, e influenciando diretamente na existência do casal do subúrbio, o “tempo de espera” anunciado no título do conto começa a tomar feição. Tanto que na sequência do texto há a citação de dois espaços e uma alusão que vão ser sugestivos dessa conjuntura. São imagens que estabelecem paradigmas quase que imediatos com a ocasião.

Primeiro, o narrador-personagem encontra-se com o “Seu” Fernandes, um amigo de relações do comércio. Comentam sobre os tempos difíceis e as novidades “quase todas muito desagradáveis” (RAMOS, 1954, p. 134) e o leitor é informado que “Seu” Fernandes é o proprietário da loja “Esperança”. Entre as notícias “desagradáveis”, portanto, a personagem visita justamente a loja “Esperança” e é nela que consegue um vislumbre de futuro, já que o “Seu” Fernandes lhe oferece um emprego na agência dos Correios: “Na outra semana estava atrás do guichê, contando palavras em telegramas, rubricando talões, lançando registros” (RAMOS, 1954, p. 134). Este segundo espaço de trabalho burocrático, por sua vez, sugere a continuidade da dependência do cidadão ao Estado.

Na continuidade desse “tempo de espera” ainda pontuam várias outras imagens. A ida ao cinema pelo casal é um desses momentos, pois, num âmbito maior, a cultura é um dos poucos momentos de tranquilidade, paz e fuga daquele estado de letargia. Do mesmo modo, a descrição do prédio dos correios merece ser assinalada.

A agência funcionava num prédio de esquina, três portas oferecendo acesso ao balcão envernizado, com nódoas de tinta, lacre e goma-arábica, a madeira cedendo em frente as gaiolas douradas. Uma vez por semana o pretinho servente limpava as grades que emolduravam a calva do Tôrres, os bigodes de seu Melo, o meu rosto magro. O trabalho em dois turnos, sem contar o pessoal da noite e os mensageiros. E um calor feroz, grudando as camisas, descendo sobre as cabeças inclinadas um peso difícil de suportar. (RAMOS, 1954, p. 135)

Observe-se que o estreante Ricardo Ramos vai apresentando seu modo particular de escrita. Os elementos que compõem o texto possuem uma função no estabelecimento da autonomia e organização interna do enredo. Neste caso, o espaço é quem continua ganhando destaque para a concretização de um ambiente também depreciativo. O prédio é de esquina, o balcão possui nódoas de



tinta e lacre<sup>4</sup>, mas principalmente é fechado por grades, o que cria uma imagem bastante significativa, pois essas grades, que são limpas uma vez por semana por um “pretinho servente”, acabam figurativamente determinando a condição dos indivíduos que ali convivem presos a um sistema burocrático com a cabeça inclinada e carregando “um peso difícil de suportar” (RAMOS, 1954, p. 135). Sem contar que essas mesmas pessoas têm seu rosto emoldurado: “a calva do Tôrres, os bigodes de seu Melo, o meu rosto magro” (RAMOS, 1954, p. 135). É como se essas pessoas perdessem parte de sua expressão, logo, também de sua identidade e seus atos estivessem emoldurados.

No caso da personagem-narrador, a imagem instituída é ainda mais direta, pois ele relata em seguida que a “agência” o forçava àquela imobilidade e que somente as mãos trabalhavam, ou seja, o Estado cerceava os movimentos da população, automatizando os atos e inviabilizando os pensamentos numa “teia de papéis” autômatos daqueles que não tinham muito a dizer ou talvez procurassem não se comprometer para serem aceitos no sistema vigente, como é o caso do narrador-personagem. Alie-se a isso, um certo presságio do que virá ao final do conto com a prisão de seu filho, o que comentaremos em momento oportuno.

A essa trajetória de “tempos de espera” são acrescentados outros fatos. O narrador-personagem volta a resumir períodos de sua vida. Enfatiza que obteve aumento em função de sua postura conciliadora e não tumultuosa na agência, destaca que conseguiu comprar uns poucos objetos e até ver alguma beleza nos anos que passavam, mas permanece a melancolia. Até porque, em seguida, há o anúncio do nascimento da filha em meio a um mar de dificuldades financeiras e ao comprometimento da saúde de sua esposa Cecília: “A menina fora tirada a ferro. Minha mulher ainda não acordara da anestesia, alongada entre os lençóis, com a pele transparente” (RAMOS, 1954, p. 136). Enquanto isso, conforme o mesmo personagem-narrador, “havia a mesma calma no resto do mundo, uma tranqüilidade

distante, inaces-sível” (RAMOS, 1954, p. 136). Não há, portanto, qualquer nova atitude que sinalize para a transformação da situação que está em vigor. E pior, Cecília falece, deixando somente a tristeza, “mistura de saudade e abandono”.

Sucedem-se outros fatos: Fidelis, o marido de Adélia, também falece e ela passa a morar e cuidar das duas crianças de Cecília. Adélia é a irmã de Cecília. As crianças crescem com muita saúde e são descritas como tendo personalidades bastante distintas. O menino, Eduardo, possui personalidade forte: “O garoto fugia para os quintais próximos, voltava sujo, rasgado, com arranhões marcando as bochechas vermelhas. Cinco anos apenas, e já me despertava apreensões diversas” (RAMOS, 1954, p. 138). Essa caracterização será justificada um pouco mais adiante no desenrolar do conto com algumas posturas adotadas por Eduardo.

Ricardo Ramos dispensa o restante de toda a primeira parte do texto a intensificar essas características, sempre a partir de sua visão como pai-narrador-personagem. Todos os atos, portanto, passam pelo filtro do olhar e percepções de quem narra.

Na segunda parte do conto mantêm-se as descrições do cotidiano da família em sua vida de dificuldades habituais, mas sempre pontuadas por uma ou outra expressão que remete para situações de desalento com os modos de proceder dos governantes:

Um belo dia vieram os operários da Prefeitura. fizeram um muro de concreto no pé da favela, rasgaram sarjetas, limpavam a imundície, calçaram o resto de chão. Mas não fizeram nada disso para agradar aos moradores; uma fábrica tinha sido construída na avenida central, pouco adiante, e as enchentes davam prejuízo à nova indústria. (RAMOS, 1954, p. 140)

Em outras ocasiões, o narrador fala de si mesmo, de seu desânimo e cansaço com a mesma vida de dificuldades. Rememora fatos, faz avaliações de sua vida e decreta: “há muito que o entusiasmo

an-tigo abandonou-me” (RAMOS, 1954, p. 141). As descrições do espaço também caminham no mesmo tom. O narrador-personagem informa que a rua continua a mesma: “Pobre, cinzenta, encardida” e que as novas construções que foram feitas não fizeram diferença: “esfuma-ram-se, volta a paisagem uniforme” (RAMOS, 1954, p. 141). Interessante notar como o espaço e personagens em sutis detalhes fundem-se como se fossem uma só ocorrência, o que pode ser percebido, por exemplo, em certas sequências descritivas: “Os mesmos rostos. Magros, parados, inexpressivos. As luzes se apagaram, a casa mudou, escureceu. Infelizmente eu também mudei. Todos nós mudamos. Infelizmente” (RAMOS, 1954, p. 141).

Observe-se que, após a descrição da aparência sem ânimo dos moradores, imediatamente tem-se a informação que as luzes se apagaram e que a casa escureceu para, em seguida, voltar a referência aos moradores, mas dessa vez pontuada duas vezes pelo vocábulo “infelizmente”. Esse trabalho com a linguagem cria, assim, um ambiente cada vez mais obscuro em relação ao futuro e ao presente ali vividos.

Materializado esse ambiente triste, o conto aponta para uma nova situação. O narrador passa a descrever as atitudes e os gestos dos dois filhos, sempre distinguindo o gênio difícil, inadaptado, contestador de Eduardo e mais ameno e sensível de Estela. Até mesmo nesses momentos há pequenas menções a uma conjuntura que não traz novas perspectivas.

- Bonito, não foi?

Respondi a Adélia, afirmando com entusiasmo, *afastando o fantasma sereno que se reproduzia agora*. Pronunciaram um discurso de encerramento, onde os conselhos ocupavam o primeiro plano, e *as promessas mais variadas eram insinuadas*. *O próximo ano letivo seria melhor aproveitado. Volteime para Eduardo. Iria melhorar? Em que sentido? Pensamentos di-versos me assaltaram*. O caminho de casa desfez--se em fatos narrados com vivacidade, no tagarelar colorido, despreocupado. (RAMOS, 1954, p. 142) (grifos nossos)

Muito embora o pai-narrador, num primeiro momento, pareça estar apenas se referindo um fato atual relativo ao filho, há um claro questionamento sobre o futuro do próprio filho. O não-dito, o que não se apresenta na camada mais aparente do texto, é muito mais forte do que o dito. Há todo um questionamento sobre os rumos de uma realidade que se apresenta e, como veremos um pouco mais adiante, o filho Eduardo será o único que irá enfrentar essa situação, chegando a ser preso e sofrer agressões físicas por se posicionar contra o sistema instituído. Antes, porém, um outro fato chama a atenção. Os questionamentos do narrador ganham uma resposta logo na sequência do conto. Ele ganha uma quantia não muito grande na loteria e consegue saldar algumas dívidas e amenizar sua situação financeira precária: “E resolvemos empregar a metade numa vila de oito casinhas, anunciadas pelos jornais. A outra parte ficaria para os estudos dos meninos, qualquer eventualidade” (RAMOS, 1954, p. 142). Apesar de certa estabilidade financeira, a tranquilidade completa não vem para o pai, que pela primeira vez no conto tem seu nome revelado, chama-se Fernando.

Parte das preocupações de Fernando continua sendo os filhos, principalmente a formação de ambos. A filha continua a não dar trabalho, mas Eduardo cresce e toma caminhos que o pai ainda não consegue entender. O conto mais uma vez flui para um fato novo. Adélia passa a frequentar um centro espírita e aos poucos começa a mostrar sinais de enlouquecimento: “Foi piorando, encurtando os minutos de lucidez. Era uma divagação constante, que não prejudicava ninguém, não chamava a atenção. Os vizinhos nem perceberam” (RAMOS, 1954, p. 144).

O conto chega a sua terceira parte. Fernando passa a perceber que seu filho havia mudado.

Eduardo estava freqüentando o curso secundário, esquecera as maluquices de criança. Andava até muito sério, sério demais. As roupas compridas ajudavam. Vivia ca-lado, fazendo os trabalhos do colégio,

lendo, divertia-se a desenhar, indo ao cinema. Apagou-se a lembrança das aperreações na escola, dos arranhões, das brigas, do braço quebrado. Mudara. (RAMOS, 1954, p. 145)

Como podemos notar, Eduardo, aos quinze anos, não chega realmente a mudar, pois o narrador-personagem vai preparando o leitor sobre as posturas que tomará o filho quando ganha certa liberdade de ação. A mudança a que se refere o narrador é de atos infantis para os adultos, mas o caráter contestador somente se acirra no jovem Eduardo. O pai, por sua vez, percebe e descreve o acontecimento:

O caráter se transformava ainda mais, seguindo caminhos nítidos, claramente delimitados. Não se contentava em repetir o que ouvia. Falava pouco, não participava das conversas sobre assuntos graves. E quando pronunciava uma palavra, dizia qualquer coisa, era uma observação pessoal, uma opinião que estava disposto a sustentar, mesmo contrariando a todos. (RAMOS, 1954, p. 145)

Do mesmo modo, não o reprova:

Antes assim. No princípio aquilo assustou-me. Desconfio de muita independência, cheirando a exi-bição. Mas não me inquietei por muito tempo, logo percebi o engano. Crescia, modificava-se. Nada mais natural. Estudava sempre, um rapaz sisudo. Excluindo os gastos um pouco exagerados, tudo ia bem-. Agora vejo que não eram excessivos. (RAMOS, 1954, p. 145)

Ganha corpo nesse momento os eventos que irão conduzir para o clímax do conto e para consolidar uma visão de mundo que perpassa todo o texto. Primeiro, Eduardo passa a ler com muita avidez. Todavia as leituras são bastante inusitadas para um jovem: o alemão Karl Friedrich May (1842-1912), o escritor americano Zane

Grey e Michael Zevacco. Eduardo também passa a sair de casa com frequência e não mais avisa o pai sobre os locais que frequenta. Concomitantemente, Fernando retoma a descrição das atitudes de Adélia com a loucura que se torna mais visível. Há, portanto, um jogo de imagens que contrasta dois planos: de um lado, o devaneio de Adélia e, de outro, o constante embate com a realidade de Eduardo.

Na quarta parte do conto, o narrador avança três anos e informa que Eduardo resolvera entrar na faculdade e fazer o curso de Direito. Pelas atitudes do jovem e mantendo a coerência na concepção do conto, a escolha do curso é sintomática. O mesmo acontece com a informação de que o rapaz havia mudado e passara a se colocar verbalmente. No início, ironicamente, apenas um trote em conjunto com os demais aprovados para admissão no curso de Direito “onde teria discorrido sobre a influência do alfinete na Idade Média e seus amigos sobre a im-portância da metralhadora na pintura florentina ou outros fatos ainda mais inusitados como uma “caloura improvisada em Julieta suportava a declaração de um estudante ajoelhado, gordo e fanhoso, mis-turando trechos de samba e versos de Shakespeare” (RAMOS, 1954, p. 150) “, redundando numa discussão também sintomática de uma situação vigente.

- E todo mundo fazia naturalmente, com de-sembaraço?
- Não. Alguns até resistiam. Teve um que mostrou carteira de vereador, falou em amizades na polícia, ameaçou a turma da comissão de trote. Um sujeito de São João do Mereti, parece. Mas não, houve choro. Foi igualzinho aos outros.
- Que diabo! Assim também não está certo. Um homem de respeito... Eduardo não gostou da minha restrição. Ficou um instante calado, depois sorriu, informou: (RAMOS, 1954, p. 150)

Atente-se para o fato de que está reunida no fragmento uma série de situações que encontram respaldo ainda hoje em nossa sociedade. Principalmente aquelas relativas a certo abuso de

autoridade da classe política e da polícia. Tanto que o rapaz reforça: “” São uns malandros. Comem o dinheiro do país sem fazer nada. E quando fazem, fazem errado” (RAMOS, 1954, p. 150). Do mesmo modo, Eduardo defende a instrução como modo de alterar a situação. Numa acalorada discussão com o pai, após saber que a irmã Estela não queria fazer os “preparatórios” e que preferia estudar inglês e taquigrafia porque dava mais dinheiro, Eduardo dispara: “” Quer dizer que não precisa estudar mais nada. -A gente aprende um jeito de ganhar dinheiro, e está resolvido o problema [...]. E se não se estuda outra coisa, não traz vantagem nenhuma” (RAMOS, 1954, p. 151). No tocante a estudar a língua inglesa, as críticas são ainda mais diretas aos americanos e à conjuntura do país naquele momento:

- É verdade. Não estou brincando. Indecente é isso de se ficar estudando inglês para ganhar dinheiro. Aprendam francês, leiam, que dá mais lucro. Mas, não. Querem é fazer média com os americanos. Uma surpresa maior. O rapaz estava mudado, não havia dúvida.
- Que é que tem uma coisa com a outra?
- Muito. Eles mandam e desmandam, fazem o que bem entendem, manobram com o dinheiro. E nós devemos servi-los. Está muito claro.
- Você anda maluco. As nossas relações com os americanos são puramente comerciais. Tratamos de potência a potência. Eduardo começou a rir, um risinho safado, que enfezava.
- Por que esse arzinho idiota? Que superioridade é essa? Se tem argumentos, fale. Desembuche!
- Não é superioridade nenhuma. Eu estava me lembrando... O senhor faliu em 29, não foi? Re-lações comerciais, potência a potência... Engraçado, não acha? (RAMOS, 1954, p. 151)

A postura do pai em correlação com as falas iniciais de Eduardo e a ironia contida no final do fragmento acima carregam em si toda a gama de aspectos que direcionam o leitor para uma visão de mundo que encontra respaldo na história. Porém, voltamos a afiançar que nosso intuito é somente apontar que, por meio de um modo de representação eleito, Ricardo Ramos dá força a um

conteúdo representado, o que redundava num texto que caminha para o desmascaramento de costumes vigentes em determinada época e que são importantes para que a crítica ilumine os meandros de composição exercitados por este ficcionista estreado.

Eduardo assume, pois, abertamente, uma atitude de oposição ao sistema que em seguida o próprio pai-narrador informa sutilmente ser uma recorrência nas conversas de outras pessoas: “Um lugar-comum. E repetiu os estribilhos que andam por aí, na boca de certa gente. Mais tarde resolvi interromper aquela oposição permanente, cerrada” (RAMOS, 1954, p. 151).

Neste momento do conto, há que se ressaltar que, apesar de uma fala do pai aparentemente contrária ao filho, ele também se questiona sobre o que está ocorrendo:

Sempre me considerara um liberal, um democrata. Eu alardeava essa posição, era estranho que tomasse atitude se-melhante. Então ele não poderia falar, dizer o que pensava? Uma situação muito cômoda para mim. Não oferecia razões, não permitia a opinião alheia. Estava contra, simplesmente, sem examinar os fatos. (RAMOS, 1954, p. 152)

Observe-se que o pai pondera a situação e revela não achar correto o que está fazendo com o filho, mas prefere evitar a discussão que acredita ser desigual e que o filho chama de falsos princípios.

O narrador volta a resumir os tempos angustiantes de espera.

Todo o primeiro semestre correu nessa aflição. Um tormento impreciso, que me alfinetava nas horas mais impróprias, até na ausência de Eduardo. O carimbo da agência não mais imprimia o desenho co-mum, onde apenas as datas mudavam. Eram símbolos, emblemas em arco, tangentes de hastes vigorosas. Os cabeçalhos dos jornais me atordoavam. Parecia alu-cinação. Sentia perigos em toda parte, aumentando num cerco progressivo, crescente. (RAMOS, 1954, p. 152)



A burocracia continua, a situação permanece, o conflito se insinua. O narrador rememora a meninice de Eduardo e derrama-se em melancolia, narrando acontecimentos esparsos: “Vieram as provas do semestre. Eduardo estudou, concluiu exames razoáveis. Chegaram as férias. Os passeios nas calçadas do subúrbio novamente ocuparam largas horas das noites de junho” (RAMOS, 1954, p. 154). Tudo preparando para um encadeamento de fatos que levará ao clímax do conto. Estela traz a notícia de que as passagens dos bondes e dos ônibus vão aumentar. Eduardo reage ironicamente com um sorriso e uma frase final que anuncia o que virá: “” Ótimo. É bom aumentarem. Os ordenados são os mesmos... Ninguém pode mais suportar essa vida. Um dia estoura. E não custa muito” (RAMOS, 1954, p. 154), enquanto o pai apenas reclama para depois questionar:

- E que você acha que se deva fazer?
- Eu? Não acho coisa nenhuma. Ninguém protesta, ninguém diz nada. Quer dizer... alguns fazem força, dizem o que se procura encobrir.
- E terminam na cadeia.
- É, Por enquanto. (RAMOS, 1954, p. 154)

Neste momento, a conversa sai do campo da hipótese. Eduardo recebe uma ligação de um amigo de luta e vai ao seu encontro, não antes sem receber uma série de recomendações do pai para que tenha cuidado com a “política”. O filho rebate dizendo que o centro acadêmico não é política, mas tudo caminha para as palavras determinantes da situação vigente: “estamos numa ditadura” (RAMOS, 1954, p. 156).

Antes de passarmos para a quinta e a sexta, e última, parte do conto, onde se desenovelará todo o conflito em que Eduardo se envolverá e a peregrinação do pai para encontrá-lo, cabe fazer uma pausa para destacar como as imagens são arquitetadas, causando determinado efeito no todo do conto; efeitos que se intensificarão nas próximas obras de Ricardo Ramos. O vocábulo “grade” nos

antepenúltimo parágrafo da parte IV do conto, ao lado de outras, pode ser apontado como um desses recursos de estilo. O narrador destaca que o filho desceu a escada e sumiu-se no portão. A seleção de palavras por si só anuncia o que virá. São elas, por exemplo, “sombra”, “tremeu” e “grades”, que estão carregadas paradigmaticamente de um ar negativo, em contraste com “jardim”. Entretanto, este espaço do jardim está na casa de Eduardo e o que ele irá enfrentar em seguida está longe de ser identificado como um jardim, conforme anunciam as palavras que a antecedem. Para reforçar ainda mais a imagem, o narrador repete novamente o vocábulo “Grades”, mas desta vez entre pontos finais. Lembremos do início do conto, onde essas grades já foram mencionadas pelo narrador no momento em que realizava os trabalhos burocráticos na agência dos correios. Vai se constituindo, assim, um modo de escrita em que as tensões dialéticas ao nível da linguagem irão marcar o estilo de Ricardo Ramos.

Na quinta parte, antes do desfecho, mas corroborando ainda mais para intensificar o apelo à atenção do leitor, interpõe-se uma dilatação do enredo. O narrador volta à doença de Adélia. Relata que a cunhada começa a se debilitar ainda mais, levando-o a chamar um clínico geral que diagnostica inicialmente um possível problema de estômago, provavelmente uma úlcera. O estado de saúde de Adélia se complica e há a suspeita de que esteja com tuberculose. Porém, ao receber os exames, o médico constata um câncer. Poucas semanas depois, Adélia morre.

A esta passagem, são acrescentadas outras informações mais gerais como o primeiro emprego de Estela e a notícia de que Eduardo trabalhava em um jornal a cerca de um ano. A partir de então o conto chega a seu clímax. Fernando recebe um telefonema de um amigo do filho e sente um estranho pressentimento: “Jantei preocupado. As palavras do estudante voltaram, alarmantes, com um significado muito claro. Assunto do interesse de toda a classe. Classe, engraçado. Quem botou na

cabeça dessa gente que os estudantes formam uma classe?” (RAMOS, 1954, p. 161). Nas palavras do narrador anunciam-se os desdobramentos: uma luta de classes.

Em contraste com esse clima tenso que se estabelece, e mais uma vez revelando um modo de representação próprio de Ricardo Ramos, interpõe-se uma série de imagens. O narrador dá conta de que faltam poucos dias para o carnaval e que uma escola de samba do alto do morro ensaiava as músicas para o desfile com a esperança de conseguir vencer o concurso. O clima por instantes toma conta de Estela, que cantarola a música, e da empregada, que saracoteia na cozinha, apertada numa faixa vermelha. Todavia, até mesmo a batucada que desce o morro é triste e a melodia é cortada “pelo soluço de cuícas, pontilhada nos cavaquinhos, marcada na insistência dos tamborins” (RAMOS, 1954, p. 161). Esse contraste corrobora para a tensão vivida pelo narrador-personagem que revela em seguida o que ocorrera. No jornal está a notícia da manifestação dos estudantes.

Havia perdido o apetite. Estive um pouco à mesa, peguei um jornal, fui para a varanda. Passei a vista pelos telegramas, informei-me a respeito das ameaças de guerra, das vitórias comunistas na China, das oscilações na bolsa de Wall Street. Depois li as notícias do interior, os conchavos políticos, a busca de cargos públicos. E cheguei à página das reportagens populares, onde um grupo de estudantes falava ao jornalista contra o aumento das passagens dos bondes. “Não permitiremos esse golpe na bolsa do povo”.

Vi tudo muito claro, nitidamente. Era isso o que o rapaz queria dizer a Eduardo. Que iriam fazer? Pensei no pior. O entusiasmo da juventude faz o impossível. (RAMOS, 1954, p. 161).

Se no momento anterior a empregada utiliza uma faixa vermelha, neste fragmento vem à tona novamente a imagem de um sistema com a menção às vitórias comunistas na China. Do mesmo modo, o narrador pinta o cenário político-econômico em poucas

frases, dando conta das mazelas do poder e da revolta que se estabelece na população em função da situação. Após as referências e os informes, a constatação: o filho participara da manifestação e não volta para casa naquela noite. O contraste com o carnaval mantém-se: “Madrugada a escola de samba recolheu-se, num murmúrio de passos arrastados, sonolentos” (RAMOS, 1954, p. 162).

A partir de então, toma corpo toda a preparação do narrador para o desfecho do conto. A última parte do texto é toda destinada à narração da busca pelo filho que fora preso durante os protestos: “chegamos ao tópico das prisões. Cerca de vinte nomes, seguidas da profissão e residência. E paramos. Eduardo encerrava a lista” (RAMOS, 1954, p. 162).

O suspense inicialmente é mantido com frases entrecortadas que ao mesmo tempo intensificam a atmosfera de insegurança e melancolia e denunciam as circunstâncias obscuras de determinadas ações naquele momento: “o jornalista deixava nas entrelinhas condenações veladas, que iriam complicar os meninos” (RAMOS, 1954, p. 163). O próprio pai de Eduardo retalha: “Aborrecia-me com a manobra do repórter, ou melhor, do sujeito que dirigia o jornal. Tudo uma só cambada. Ministro, polícia, jornalista, uma corja da mesma laia” (RAMOS, 1954, p. 163). A partir de então fica aberta a posição desenvolvida durante todo o conto.

Há que se ressaltar, porém, que apesar desse tom predominante, as frases estão contextualizadas no todo da descrição, o que não deixa o texto de Ricardo Ramos descambar para o puramente panfletário. Em outras palavras, certo engajamento do texto, se assim podemos dizer, se faz muito mais pelas imagens que vão se construindo no todo das representações como no momento em que, após relatar à filha o que havia ocorrido na conversa com o advogado que contratara, Fernando é interrompido pela empregada que o chama para almoçar: “A criada interrompeu-nos com o almoço. Uma toalha de qua-drados vermelhos tirou-me a vontade de comer” (RAMOS, 1954, p. 165). Note-se que até mesmo numa cena

corriqueira novamente se faz referência ao vermelho, que remete mais uma vez ao modelo de organização econômica e sociopolítica de Estado, idealizada por Karl Marx e Friedrich Engels, em que o proletariado vislumbra uma sociedade ideal, sem classes. Lembremo-nos que à época da publicação de “Tempo de espera” o assunto estava em efervescência.

O pai continua sua peregrinação em busca de informações sobre o filho até que recebe a notícia sobre a penitenciária em que se encontrava com os demais estudantes presos. Marca uma visita no mesmo dia em que iniciaria o carnaval. Essa organização sintagmática, que justapõe duas imagens totalmente contrárias, ganha destaque e é ainda mais intensificada com os possíveis paradigmas que podem ser estabelecidos no momento da leitura. O advogado, por exemplo, quando chega à penitenciária, cumprimenta “à direita e à esquerda” antes de ir ao encontro do pai de Fernando e o filho surge detrás das “grades” da prisão. No primeiro caso, há uma clara referência ao momento histórico e, no segundo, como vimos, retoma-se a figura de aprisionamento de idéias e movimentos contida no próprio texto desde seu início. Cada vocábulo guarda em si, portanto, uma série de alusões diretas ou indiretas a elementos intrínsecos ou extrínsecos ao texto ficcional.

No fechamento do conto, o narrador ainda dá conta de algumas de suas angústias em relação às atitudes do filho, lamentando e se questionando sobre algum possível erro que tenha cometido e, como já dito, informa que resolveu escrever suas lembranças. O que fica realmente é a impressão de que o “Tempo de espera” irá permanecer.

## Referências

ATAÍDE, Vicente. **Conto, contos. Os vencedores.** São Paulo: McGraw-Hill, 1978

BOSI, Alfredo. (Org.). **O conto brasileiro contemporâneo**. 15.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

\_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade**: estudo de história e teoria literária. São Paulo: Nacional, 1985.

DEZ minutos com Ricardo Ramos. **A Gazeta**, S. Paulo. 11 dez. 1954.

RAMOS, Ricardo. **Tempo de espera**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

## Notas

<sup>1</sup> Este trabalho está inserido em um projeto mais amplo realizado junto ao acervo do escritor Ricardo Ramos e denominado “Acervo de Ricardo Ramos: terceira etapa - a literatura juvenil do autor”, financiado pela UNEMAT/PRPPG e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq – Brasil.

<sup>3</sup> Correspondência datada de 11 de dezembro de 1954, contida no Acervo de Ricardo Ramos – UNEMAT/Câmpus de Alto Araguaia.

<sup>4</sup> Preparado resinoso utilizado para fechar ou selar cartas.